

VI

CARACTERIZAÇÃO DA TRAGEDIA

Escolhendo para a sua obra, que no fundo e na essência é um tratado de philosophia moral, em forma de uma visão dantesca, amenizado com lyricas engastadas, o titulo aparentemente pretencioso e improprio de *Tragedia*, o discipulo do Marquês de Santillana, versado na *Divina Commedia* do grande Florentino, tinha os olhos fitos na infantil classificação medieval dos generos literarios, havia pouco exposta aos Hespanhoes pelo seu Mentor litterario, não na nomeada *Carta* sobre as literaturas romanicas (1), remetida no acto de offerecer ao principe portugês o seu Cancioneiro (2), mas numa das composições exemplificadoras nelle contidas, a qual chamou expressivamente *Comedieta de Ponza*:

Tragedia es aquella que contiene en si caydas de grandes reyes e principes..... cuyos nascimientos e vidas alegremente se comenzaron e grand tiempo se continuaron..... e despues tristemente cayeron (3).

(1) O *Prohemio e carta que el marques de Santillana envio al condestable de Portugal con las obras suyas* não tem data.—Como todavia ao tempo da redacção o Regente ainda estava vivo, tendo o Condestavel ja composto algumas *cousas gentis*, é forçoso collocá-lo entre 1445 e 1449. Do familiar enviado a Castella, Alvaro Gonçalves d'Alcantara nada sei. Ha um Alvaro Portugues que trocou versos com Gomez Manrique, perto de 1455: mas este *gentil trovador* será o Alvaro de Brito do Cancioneiro de Resende.

(2) O N° 86 da Bibl. do Condestavel é um Cancioneiro de Santillana.

(3) Quanto ao estilo, talvez se lembrasse tambem da definição de Villena: *tragedia es estilo alto superbo que tracta de estorias nobles como batallas de principes, destruyçion de reynos e cibdades*. Já na *Satyra*, sua estreia litteraria, o Condestavel haurira

Tragedia neste sentido era realmente o assumpto da obra do Condestavel: o seu pertinaz infortunio pessoal, a desgraça do Infante seu pae e de toda a sua prole, nobilissimos vencidos que a afeição dos posteros cingiu com a aureola de martyres da patria.

De dramatico tem ella pouco mais que o nome. As oito poesias, simples monologos proferidos pelo poeta, que é o actor principal, são na maioria queixas amargas ou explosões violentas da sua dôr, provocadas e rebatidas por outros tantos discursos em prosa, de tres seus interlocutores. Na alternacção de umas e outras consiste o dialogo. As passagens narrativas, nas quaes a acção, que é quasi nulla, se vae desenvolvendo, fazem parte (não separada) ora das prosas, ora dos *metros*, como o cultista medieval denomina os seus versos.

Outro nome apropriado da Tragedia teria sido *Auto-Consolatoria*. Ou então podiamos considerá-la como um fragmento de autobiographia psychologica: a exposicção das impressões dilacerantes que a noticia da morte da Rainha D. Isabel produziu sobre o desterrado, assim como do processo estoico pelo qual se libertou da sua lastima individual, levantando o vôo até que a vista lhe abrangesse todo o nosso quartispherio e a dôr humana em toda a sua amplitude e transcendencia.

Ingenuamente o auctor confessa como, para achar um lenitivo á sua profunda magoa—o appetecido *solamen miseris*—conversou a sós e longamente com historiographos e philosophos christãos. E afinal, inspirando-se no *Livro de Job*, na *Consolacção de Boecio*, nos tratados moraes de *Seneca*, nos *Casos de homens illustres e de mulheres precla-*

nas mesmas fontes, fiel ás palavras de Santillana (ed. A. de los Rios, p. 94): *Satyra es aquella manera de hablar que tovo un poeta que se llamó Sátyro el qual reprendio muy mucho los vicios e loó las virtudes*; ou as de Villena: *Satira es estilo mediano; tracta de virtudes e vicios*. Sobre Tragedias e Comedias medievaes em metro epico é util consultar W. Cloetta: *Komödie und Tragödie im Mittelalter*, 1890.

ras (1), reflectindo sobre os revêses que abateram a sua familia das summidades onde pairara, e sobre a sorte de outros soberanos e magnates, e vasando toda a amargura da sua alma atribulada, ora em endechas sentidas, ora em jaculatorias e maldições impetuosas, chega a um estado de resignação ethica, em que, sem se importar com as exigencias impostas pelo titulo *Tragedia*, acaba *bienaventuradamente* a sua obra.

*
* *

Eis um curto elencho do conteudo.

Metro I: 7 *Novenas de arte maior* (ABABABABA).—*Introdução*. Mandando aos seus olhos interrompessem o chôro, á lingua que se calle, á mão que segure com firmeza a penna, requer á volante fama propague a sua triste historia (1-2).—*Invoca* o Omnipotente, implorando socorro na sua afflicção (3).—Dirigindo-se aos mortaes, conta como em sonhos febris tivera *visões*, e como, de dia, claros e typicos signaes lhe presagiaram a desgraça que o ameaçava (4-7).

Prosa I.—Uma noite de inverno, regressando de um passeio pelos campos, vê vir ao seu encontro, um mensageiro, alvoroçado e como louco.—Discurso d'este, que o prepara a novos golpes da fortuna, lembrando-lhe a sorte infausta do progenitor e as vicissitudes de outros varões, precipitados das culminancias do poder aos abysmos da desgraça.

Metro II: 1 *Novena*.—Cheio de angustia, o Condestavel quer inteirar-se da verdade.

(1) Todos estes volumes figuram na livraria do Condestavel. Boecio em latim (84) e castelhanõ (39). Boccaccio, *De Casibus virorum illustrium et præclaris mulieribus*, numa versão peninsular (92). Talvez naquella que D. Alonso de Cartagena redigira durante a sua embaixada á corte de Portugal?

Prosa II.—O mensageiro participa-lhe a morte da Rainha.

Metro III: 1 *Novena*.—Espanto do poeta, que se nega a dar fé a nova tão inesperada.

Prosa III.—Um segundo nuncio sobrevém e confirma a triste novidade, dando pormenores sobre o lugar do fallecimento (Evora), o lucto da nação, as solemnes exequias em S. Maria da Victoria, no Pantheon da casa de Avis.

Metro IV: 12 *Novenas*.—Sem sentidos durante algum tempo—*como estatua que algo no siente*—o Poeta convence-se, acordando, da realidade da sua miseria, vendo lacrymosos os companheiros. Desesperado, sentindo a tendencia impulsiva de pôr mão em si proprio, arranca o cabelo, destroça o vestido e rompe afinal num chôro convulso, maldizendo, em versos impetuosissimos, o mundo e seus fallazes esplendores.

Chegado a este auge do frenesi, insensato e culpavel, a peripecia começa, e com ella a segunda e principal parte da obra: a *Consolatoria*, ou seja um sermão funebre *Da vida e da morte* ou *Da vaidade das cousas mundanas*, dividido em cinco capitulos (as **Prosas IV a VIII**).

O tempo principia a exercer, lenta e suave, mas effizamente, a sua acção conciliadora. A reflexão mitiga a dôr. Figurado por um semi-deus venerando, em roupagens roçagantes, a frente coroada de louros immarcesciveis, tres pomos symbolicos na mão direita, o velho Chronos aproxima-se do infeliz. E discursa longa.... longamente.

Em grave e philosophica meditação expõe verdades eternas e sublimes sobre o *nirvâna* dos bens terrestres, a brevidade da vida em comparação com a eternidade. Distraindo o atormentado mancebo da observação mesquinha da sua sina individual, demostra a universalidade da dôr, chamando a morte patrimonio commum do genero humano, e feliz e querido de Deus a quem morre cedo. Exige do varão forte, resignação submissa á vontade de Deus.

Está claro que não se esquece de exemplificar abundan-

temente, resuscitando em quadros ligeiramente esboçados, todas as notabilidades historicas, da antiguidade e da idade media que a tradição transformara em typos, e já então eram allegadas por escriptores cultos como Santillana, Mena, os Manriques, Villena, Padron, Lucena. Tambem não é parco de sentenças classicas e versos biblicos.—Um *Recuerde el alma dormida!* em prosa poetica.

Nos topicos, nas ideias, nos dictos, nas comparações ha pouca ou nenhuma novidade: O que dá todavia uma nota particularmente viva e realista a tantos lugares communs ethicos, ja revolvidos através de seculos por moralistas e poetas de inspiração religiosa; o que provoca sincera sympathy e enternece; o que dá ao mesmo tempo á *Tragedia* um não desprezível valor historico, é a insistencia com que o filho do Regente falla dos seus, citando factos e glorificando principalmente, num profundo sentimento de amor e piedade filial, o *príncipe no mundo raro, tratado ás escuras mal* (1), o que fôra victima do injusto e cruel odio de *Alfarrobeira* e contra o qual *se quebraram sangue e leys* (2). E isso muito discretamente, sem accusar mesmo veladamente o vencedor; sem dar credito á tradição calumniadora de envenenamentos; sem enunciar desejo algum de vingança, nem dirigir improperios contra os inimigos do Regente, que impellidos por invejas, ciumes e cobiças tinham inventado vilanias, tornando suspeito ao inexperiente soberano o que fôra seu pae e tutor, e governador zelosissimo dos seus rcinos durante um decennio, armando por fim a cilada em que cahiu, infamado como rebelde ambicioso (3).

(1) Sá de Miranda, *Carta a el Rey*, v. 213 e 203.

(2) Ferreira, *Epitaphio* 3 e 4.

(3) A nação portugüesa dedicou um verdadeiro culto á memoria do Infante, muito antes de o famoso Auto ter popularizado o heroe das *Sette Partidas*, e em sentido muito mais nobre—culto de que ha provas continuas até 1640 nas obras dos historiadores e dos poetas.—O primeiro a insurgir-se contra essa glorificação ou seja contra «o tyrannico predominio da lenda» foi Gaspar Dias de Landim «homem todo dedicado aos Braganças» numa *Chronica*.

Mas continuemos com a exposição, reservando para outro capitulo as notas historicas, espalhadas pela obra do Condéstavel.

O discurso do Velho é interrompido cinco vezes pelo seu unico ouvinte, o qual se submete e conforma pouco a pouco. Primeiro desculpa a sua dôr, mostrando que derramar lagrimas é tambem apanagio commum do miserrimo genero humano, a que o proprio filho de Deus não se subtrahiu (Metro V). Depois insiste teimoso em maldizer a sua sorte, recusando o remedio amargo destinado a trazer-lhe saude e vida, embora reconheça a verdade da argumentação do veneravel interlocutor. O proposito de apoucar as suas penas irrita-o. Acha intoleravel a vida prolongada em triste solidão e terra estrangeira, sem ter na patria quem advogue a sua causa. Prefere a morte e por ella clama (Metro VI). A final, persuadido, aceita os conselhos e consolos irrespondiveis do tempo (Metro VII), resignando-se christanmente, posto que não comprehenda como possa achar a via do vero prazer, vivendo ledo e satisfeito no exilio, sem lar, sem familia, e desherdado (Metro VIII).

Nesta segunda parte, o poeta tentou uma verdadeira novidade. Favorecendo os versos menores, mesmo em trechos que exigem estilo alto e soberbo, varia romanticamente as formas metricas, de duas em duas estrophes, para assim caracterizar os diferentes estados de alma por que ia passando.

Metro V: 6 coplas em versos de 6 syllabas:

ABABCDDCD (2); ABCABCDEFDEF (2); ABBACDDC (2).

Metro VI: 16 estancias de extensão diversa, em versos de 6 syllabas, misturados de *quebrados*. Marco estos últimos com asteriscos:

do Infante D. Pedro, inedita até 1893. (V. *Bibl. de Classicos Portuguezes*, vol. VI.)

ABABCDDC (2); ABBAABCBC (2); ABBAACCA (2),
 * * *
 ABABCDCD (2); ABCABCDEDE (2); ABABCDDC (2);
 * * *
 ABBAACDDC (2), ABBAACDCD (2).
 ** * *

Metro VII: 1 estancia em Septenários: ABABCDDCD.

Metro VIII: 4 Oitavas de arte mayor, com um verso quebrado de 5 syllabas: ABBAACCA; 4 estrophes em Septenários: ABBACDDA; 4 de 5 syllabas, misturados de quebrados, de apenas 3: ABBAACCA.
 *

Quanto á execução e ao valor poetico, a *Tragedia* parece-me superior ás outras composições do Condestavel, principalmente á *Satyra*, tratada, não sem justos motivos, pelo critico castelhano de «empalagosa.» O homem de trinta annos ainda considera, tal qual o mancebo de dez-oito, o saber e o estudo como o nervo da poesia. Não resiste ao prurido de fazer alarde de seus extensos conhecimentos de mythologia classica, philosophia moral, historia sagrada e profana. Mas ja se não compraz em sobrecarregar os seus textos de indigestas referencias didacticas; nem, felizmente, em glosar o sentido litteral e allegorico de vagas allusões e obscuras lembranças. Eximindo com prudencia a parte poetica de nomes e ornatos historicos, exemplifica apenas na prosa, e ahi mesmo dá prova de como assimilou a materia erudita, narrando em forma succinta e amena. Na redacção segue, como d'antes, a corrente latinista, mas ja não decalca servilmente os periodos dos seus modelos, nem abusa demasiado do hyperbaton. Phrases requintadas em estylo precioso, como *embeverar la pendola en la negra agua* ja não occorrem; nem tão pouco formulas muito repetidas na *Satyra* e no *Poema como o feminil linage a quien yo tanto soy temudo e loar devo*. Confesso que não desgosto da sua rhetorica commo-vida e que os versos me parecem muito apraziveis. As estrophes de maldição p. ex. são de um vigor notavel, e ao mesmo tempo de grande agilidade (IV). Acho bemfeita a

defesa das lagrimas (V). E não menos a justificação do seu pessimismo (VI).

A concepção geral da vida, que se manifesta em toda a obra, é nobilissima, como em tudo quanto achamos escripto pelos reis, infantes e infantas de Avis.

Em summa, julgo que a *Tragedia* não é indigna de ser comparada ás melhores obras coevas castelhanas que lhe serviram de modelo. A quem leu qualquer dia a *Comedieta de Ponza* que mencionei propositadamente no principio d'este capitulo, escuso revelar que foi essa que deve ter inspirado ao Senhor D. Pedro, 4.º Condestavel de Portugal e mais tarde Rei intruso de Aragão, a primeira ideia para a *Tragedia da insigne Rainha D. Isabel*.

VII

DATA DA «TRAGEDIA»

E REPATRIAÇÃO DO CONDESTAVEL

E' facil estabelecer com precisão, qual a palavra que devemos supprir no titulo da Carta-dedicatoria, depois de *era milesima quadragesima* (1), como não é difficil provar que a *Tragedia* foi, se não integralmente composta, pelo menos concluida em Portugal. A rainha cuja perda o poeta chora, falleceu a 2 de Dez. de 1455. O cardeal, a quem dirige o seu nobre desabafo consolatorio, expirou a 15 de Abril de 1459. No texto temos, além d'isso, referencias e allusões de sobejo a acontecimentos historicos, occorridos no triennio que medeia entre um e outro infortunio.

(1) Um signal, da mão e letra do calligrapho marca de resto a omissão. Erros do mesmo genero são frequentes.—P. ex. num dos documentos que formam o vol. II da exellente obra de A. Ribeiro de Vasconcellos: *Evolução do culto de D. Isabel de Aragão* (p. 532), falta *septuagesimo*, depois de *quingentesimo*.

Ponderem-se as palavras dedicadas aos Infantes de Aragão e especialmente a D. João, o nada escrupuloso herdeiro das corôas de Navarra e Aragão—mais tarde tenacissimo antagonista do Condestavel, que lhe deve a sua derrota. Só antes da morte de Affonso o Magnanimo (27 de Junho de 1458) era licito chamá-lo *oy en dia reynante en Navarra*, sem nada mais (f. 76 v.)

Ouçam-se os lamentos, em forma de prophécia, sobre o fadario do irmão mais novo, D. João de Coimbra, Príncipe de Antiochia, outro ramo mallogrado da arvore de Avis, que a morte cortou na primeira metade de 1457, longe da terra natal (f. 78).

E vejam-se as allusões á tragica sorte do Condestavel castelhano D. Alvaro de Luna, subido ao cumulo do poder «por *sobejidão de fortuna*» e justicado «*não ha ainda quatro complidas circulações do sol*,» phrase que só tinha razão de ser antes de 2 de Junho de 1457 (f. 74).

E como essas tres referencias se acham quasi no fim da obra, é licito inferir que ella estava prompta em Maio de 1457.

O Prologo—a unica parte datada—acrescentado mais tarde, confirma este calculo. Supponho-o escripto e copiado em principios de 1459. O poeta conta ahi como teve de largar mão da obra, sem a limar nem revêr, para acompanhar seu Rei e Senhor aos campos tingitanos (30 de Set. de 1457). E de volta ao continente, depois da tomada de Alcacer (Out. do mesmo anno), o sobresalto continuo em que o rei de Fez teve os Portuguezes, cercandos no forte conquistado, e os aprestes para outra expedição não permittiram que o principe se dedicasse novamente ao trabalho interrompido, aperfeiçoando-o, a fim de o tornar digno do excelso varão a quem o destinava (1). Julgando

(1) Deve ser d'este anno de 1457, anterior á 1.^a expedição bellica do Africano o *Conselho do Senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro a El Rey D. Affonso V*, em que tenta estabelecer o que seria mais pertencente, «para mancebo rey:» *in feis conquistar ou bem e justamente reger o seu reino*.

que Affonso V não tardaria a passar outra vez a Africa, redigiu apenas a sua sentida Carta-Prologo a D. Jaime, entregando o manuscripto em seguida a um dos seus escriptores, sem que a presaga mente lhe segredasse que tambem aquella florescente juventude passaria, dias depois, como fumo e sombra, sahindo d'esta miseravel prisão cheia de amarguras e infinitas afflições.

Resta decidir quando D. Pedro foi revocado do desterro e reintegrado pouco a pouco nas honras e mercês que merecia (1). Não chego porém a fixar termo mais exacto do que: *finis de 1456* (ou então *principios de 1457*, com tanta antecedencia ao dia 2 de Junho quanta seria necessaria para a redacção final da *Tragedia*). No Prologo temos a confissão clara que o cruel golpe que ameaçava destruir as suas ultimas esperanças, fôra causador indirecto da repatriação. Enganam-se portanto os que a collocam em 1453 (2), attribuindo o fallecimento da Rainha *com suspeitas de veneno* ás iras novamente ateadas pela rehabilitação do primogenito e herdeiro do Regente (3). E erram igualmente os que presumem que, por occasião das bodas de D. Joanna de Portugal com Henrique IV de Castela (primavera de 1455) o irmão da Rainha vivia na intimidade de Affonso V, escrevendo, em nome d'elle aquelle *Razoamento de despedida e admoestações christans* dirigidas á sua pupilla e irman, que

(1) O Mestrado de Avis foi-lhe restituído antes de 1460. Terras houve em cuja posse só reentrou no anno immediato. E quanto á dignidade de Condestavel, de que fôra privado em 1448, nada consta. Do testamento de D. Pedro parece resultar que não pertencia ao Principe D. Fernando em 1466.

(2) P. ex. Oliveira Martins (*Filhos de D. João*, p. 350), que se encosta ao auctor da *Hist. Gen.*, II, 85.—Parece-me urgente revermos os Documentos da Torre do Tombo (*Mist.*, III, f. 121, 148, 264, etc.), e procurar tambem as *Memorias da Vida do Senhor D. Pedro*, mencionadas em 1724 pelo Conde da Ericeira.—*Mem. da Acad. Real da Hist.*, n.º XIX, p. 6.

(3) E' o proprio Condestavel quem nos conta como os inimigos tinham propagado em linguagem enigmatica que «o seu exilio acabaria com mal da Rainha.»

acompanha os exemplares manuscriptos do Poema do *Menosprezo do mundo* (1).

Verdade é unicamente que a meiga influencia da Rainha, coadjuvada pelo leal procedimento dos filhos do vencido de Alfarrobeira, e fortalecida pelas instancias reiteradas da Duquesa de Borgonha (2) e do Papa (3), ia pouco a pouco rebatendo as iras del Rey, até D. Isabel triumphar virtualmente sobre os inimigos do pae em 3 de Maio de 1455, ao dar á luz o vingador, ultimo e em certo sentido o melhor fructo legitimo da arvore de Avis (4). Em Maio de 1452 o soberano ja recommendára um dos cunhados ao Pontifice (5); depois do nascimento do herdeiro, deu sepultura ao Infante; pouco mais tarde aceitava a dedicatória das Coplas do Condestavel; e no anno seguinte contribuiu para as despesas do casamento de D. João de Chipre com 100.000 dobras (6). Comtudo, só depois do des-

(1) Se este escripto rhetorico, inedito, fôr realmente do Condestavel, remetteu-o de Castella (juntamente com as *Coplas?*). — Cf., Mendez-Hidalgo, p. 69; Oct. de Toledo, 307; *Grundriss* p. 251; *Krit. Jahr.*, I, 558; *Antologia*, CXXIII. — Não admiraria de resto, que Affonso V, educado pelo Regente, lido nas mesmas obras que o Condestavel venerava e imitava, em relações litterarias com Gomez Manrique e Mossen Diego de Valera, escrevesse naquelle mesmo estylo florido e latinizante. — Lembra-me, se por acaso o codice guardado na Bibl. Nac. de Madrid, seria outrora propriedade da Rainha D. Joanna, dadiua do Condestavel a sua prima, em cuja cõrte ainda assistiu, embora por pouco tempo?

(2) Os discursos do Deão de Vergy, enviado dos Duques de Borgonha, foram publicados por Oliveira Martins (427-467) e anteriormente por Caet. de Sousa, *Provas*, VI, 364. Cf. Pina, *Chron.*, c. 129.

(3) Numa carta interessante, reproduzida pelos editores de Bisticci, Nicolau V incitava o «tyrannico» Rei de Portugal a lêr as meditações de Seneca sobre a clemencia: *ut clementiam tuam in diem augeas ac mitiorem te præbeas erga eos quos tibi natura arctissime conjunxit.*

(4) A sorte avara não deixou vingar o unico filho legitimo de D. João II, o mallogrado Principe D. Affonso († 1490).

(5) Bisticci, p. 153.

(6) *Hist. Gen.*, Provas II, 18.

apparecimento da Rainha, é que D. Affonso alcançou do Duque de Bragança rompesse o alvará pelo qual lhe fora promettido o exilio perpetuo de D. Pedro. Não o chamaram para assistir ás exequias solemnes, celebradas em honra do pae (1). Nem o deixaram tomar parte no sahimento da Rainha, de Evora, ao mesmo Pantheon (2). Mas logo depois, quando Affonso V, goradas as esperanças em uma guerra santa dos principes christãos, determinou aproveitar os aprestes feitos e voltar as armas contra o Mauritano, é que o Condestavel, influido pela mesma ideia de tomar a cruz, pôde voltar á patria.

No Metro Oitavo elle avalia o periodo do seu exilio em sette annos. Maldizendo a fortuna, *aquella seõora non cuerda mas loca*, cujos golpes despiedosos de cega dispersaram toda a familia do Regente, exclama:

*Ferio nuestra casa, mi padre matando,
principe claro, mejor de los buenos,
mis nobles hermanos e mi desterrando
injustos sietaños, poco mas o menos.*

Contados desde a funesta data de Alfarrobeira (20 de Maio de 1449), estes sette annos acabam em 1456 (3), antes de 2 de Junho de 1457.

(1) Pina, c. 136.

(2) *Ibid.*, c. 137.

(3) Na *Chronica geral de Hespanha e Portugal*, manuscripta (traducção reduzida de um dos textos attribuidos a Affonso o Sabio, mas continuada), a qual sahiu em 1467 da bibliotheca do Condestavel, o trecho final diz o seguinte (c. 438, f. 211, segundo Morel-Fatio, *Cat. MSS.*, Paris, p. 248): *Depoys d'esto, auendo sete annos que este D. Pedro andava em Castela, mandou o chamar el rrey D. Affonso de Portugal e veo aa çidade d'Euora onde el rrey entom chegara que veera de fazer saymento pola rraynha dona Ysabel sua molher, irmãa de Dom Pedro que em la dicta çidade fallecera pouco avya.* Segundo Ruy de Pina, o sahimento effectuou-se em Janeiro de 1456, semanas depois do obito. O anno 1457, indicado por Morel-Fatio como constando da Chronica, parece inexacto.

VIII

NOTAS HISTORICAS

A galeria de figuras desenhadas pelo Condestavel nas Prosas da *Tragedia*, quasi sempre *de visu* e com mão firme de emoção, compõe-se principalmente de retratos de familia. Poucos são de estranhos, e mesmo estes de varões proeminentes, os quaes conhecera em pessoa (1).

Num quadro (f. 74), Alvaro de Luna, com o de Vivero, no fundo (2). Em outro (a f. 76 v.) o nobre Fernão de Antequera, Regedor de Castella na menoridade de D. Juan II, e tres filhos seus, aquelles Infantes de Aragão, contra cujos partidarios elle fôra enviado em 1445 (3): D. Pedro, o que falleceu desastrosamente em Napoles (1438) (4); D. Henrique, o vencido de Olmedo, que succumbiu ás suas feridas, dias depois da batalha; e D. Juan, Rei de Navarra como viuvo de D. Blanca, e nesta qualidade espoliador e perseguidor de seu filho, o culto e humano D. Carlos de Vianna, que a posteridade honrou com a sua sympathia (5). É

(1) De passagem apparece p. ex. o Rei D. Duarte (IV) de Inglaterra (f. 36 v.)

(2) A respeito de Alonso Perez de Vivero, matado á traição pelo genro do Mestre de Santiago, consulte-se a *Cron. de Don Juan II* Año 1452, c. 1 (p. 639) ou então Lafuente, II, 175.—A sorte do Condestavel, o privado de seu tio, com o qual tratara em 1445 durante 5 a 6 dias, e depois, de 1449 em diante, impressionou profundamente o nosso poeta philosopho. Na Glosa 16^o das Coplas do Menosprezo do Mundo ha recordações pessoaes. Referindo-se ao justicado diz: *De cuya boca yo me recuerdo haver oydo algunas vezes sus ojos non cerrar el sueño ni los cuydados los abrir que no hoviesse memoria de su muerte.*

(3) *Cron. de D. Juan II*, a. 1445, c. 6 e 9 (p. 630).

(4) *Ibid.*, a. 1438, c. 3 (p. 548).

(5) O Condestavel, erigido em pretendente á corôa de Aragão

curioso ouvir os louvores tributados a este esforçado principe, que pouco depois herdou o throno de Aragão, por fallecimento de Affonso o Magnanimo (1458), tendo na lembrança, que o nosso Condestavel, neto e herdeiro de uma Infanta de Aragão e de D. Jaime de Urgel, o Desditoso, foi chamado e aclamado ao cabo de outros sette annos pelos Catalães rebeldes, desamparados por França e Castella, contra esse mesmo tyrannico e astuto mas tenacissimo senhor «por ser a propria carne descida da recta linha do excellente Rei D. Affonso» (III).

Do outro lado vemos os avós portuguezes: o heroe de Aljubarrota e Ceuta e D. Felipa de Lencastre, *aquella santa reyna inglesa, que tanto plugo al señor que claros miraglos se recuentan della.* Perto d'elles *Dame Isabeau*, a mui nobre duquesa de Borgonha, que protegeu os sobrinhos desamparados, e defendeu animosa a memoria do irmão. Em outra moldura, envolta em pannos de lucto, D. Fernando, o Infante Santo (1), cujos ossos (resgatados (1473) annos depois de o Condestavel ter descido á cova e conduzidos á silenciosa capella do fundador de S. Maria da Victoria onde jaziam os irmãos), ainda então permaneciam em Fez, nas mãos dos Infieis.

Temos ainda D. Jaime e D. João. O primeiro, um verdadeiro sacerdote, conservou-se fiel ao seu lemma: *malo mori quam fœdari*, virtuoso e casto. Preso em Alfarrobeira, vivera dos 15 aos 17 debaixo da tutela dos Duques de Borgonha, partindo em 1451 para Perugia como protonotario apostolico, subindo rapidamente de bispo de Arras e abba-de de Douay a Arcebispo eleito de Lisboa. Em 1456 o Papa nomeou-o Bispo de Pafos, na mesma ilha de Chipre que o irmão havia de governar como Rei. Apos dois annos foi feito Cardeal de S. Maria in Porticu. Indo a Florença como legado, adoeceu, morrendo com apenas 26 an-

pela morte de D. Carlos de Vianna (23 Set. de 1461), cuidou carinhosamente do filho d'este Principe. V. § 28 do seu testamento.

(1) Pina, *Chron. Aff.*, c. 172.

nos: *insignis forma, summa pudicitia, morum nitor, optima vita*, como se insculpiu na formosissima sepultura, erigida a expensas da Duquesa em S. Miniato al Monte Oliveto, obra prima de Ant. Rossellino (1). Vespasiano Bisticci que lhe dedicou algumas paginas, chama-o *venustissimo nel corpo, ma piu nell' anima* (2).

D. João, educado tambem na cõrte da tia, creado cavalleiro do Tosão em Maio de 1456, casou no mesmo anno com Carlota de Lusignan, para como Rei de Antiochia e aventureiro destemido defender a ilha de Chipre, tão exposta aos embates dos Turcos. Mancebo a toda a virtude dado, de espirito e pessoa disposta a grandes cousas, no dizer do irmão (f. 78), ou segundo os chronistas francezes, que o chamam *Messire Jehan de Coimbre, l'un des princes du monde mieux taillié à devenir homme de grant los.... car plus bel commencement de jeune prince que luy n'avait en la terre*, morreu em breve prazo envenenado, com cinco dos seus mais addictos parciaes. É novidade que elle se tinha demorado primeiro em Castella, sendo mandado a França pelo irmão mais velho, nosso Condestavel.

A'parte, como num velho retabulo de devoção especial, destaca-se ao lado do real esposo a figura da que sempre foi «manto e consolo da familia,» sem por isso decahir no amor e na confiança de Affonso V; a que depois de ter dado á nação um Rei da estatura de D. João II, e ás cinzas do pae sepultura honrada, cumprida a sua missão, foi dormir o somno eterno no templo de marmore albinente que o vulgo chama *A Batalha*, embora não fosse na parte que lhe estava destinada no admiravel recinto das *Capellas imperfeitas*, ideadas por D. Duarte.

(1) O curioso encontra uma gravura d'esse precioso tumulo na *Hist. da Esculptura* de Lübke, Leipzig, 1880 (p. 630).—Confira-se A. v. Reumont, *LORENZO DE' MEDICI II 167 e Geschichte der Stadt Rom III 257*.—Vasari, ed. Milanesi V, 152 e IV, 218. No *Archivo Pittoresco* XI, 36, ha uma gravura inferior.

(2) *Vite di Uomini illustri del sec. XV*, Firenze, 1859, p. 152. *Hist. Gen.*, II, 91.

Da mãe, D. Isabel, descendente da casa á qual deveu a coroa de Aragão, não falla nem uma só vez. Retirada no convento de S. Clara de Coimbra permaneceu ahi durante um decennio († 1459), sendo enterrada perto do lugar onde repousa Sta. Isabel, no proprio sitio onde o Regente se demorara rezando, antes de sahir ao funesto encontro (1). Nem tão pouco das duas irmans: D. Brites, a esposa de Aldolfo de Cleve e Ravenstein, que apesar das suas resplandcentes virtudes, nem mesmo em Bruges, debaixo da protecção dos tios, escapou á sua sina, acabando de peçonha (2), creio que posteriormente á redacção da *Tragedia*; e D. Felipa, a qual morrera para o mundo dias depois da catastrophe, uma criança de 12 annos, enclausurando-se, sem votos, em Odivellas, onde passou quasi meio seculo († 1493), occupada em obras de piedade, pintando missaes, compondo versos sentidos ao Salvador, e traduzindo livros de orações, mas tambem redigindo, fiel á tradição de familia, um *Conselho e voto* politico a seu Rei e Senhor (3). A relativa paz e felicidade nas vidas d'essas tres senhoras explica a omissão.

A figura que reluz no primeiro plano das Prosas da *Tragedia* é a do Regente. No trecho que o Condestavel lhe dedicou—de f. 9 a 12—ha muito que respigar (4), p. ex. a allusão a obras poeticas do pae, *cuja cabeça as nove musas que cerca da fonte pegásea habitam de verde louro coroaram*. O facto capital é todavia a noticia exacta sobre

(1) *Hist. Seraf.*, II, 6-17; Ribeiro de Vasconcellos, *Culto da Rainha D. Isabel*, I, 236.

(2) Chastellain, *Chron.*, IV, 217; apud Oliv. Martins, *Filhos de D. João*, p. 352.

(3) Bellermann, 31 e 51; Pina, *Chron. Aff.*, c. 127; Barb., *Mach.*, II, 65; *Agiologio Lusitano*, I, 410.

(4) Com relação á moeda portuguesa, recebida em Castela pelo que em Portugal valia, veja-se a *Cron. de D. Juan II*, anno 1445, c. 10 (p. 630 da ed. Rivadeneyra).—O Condestavel não podia esquecer esta medida que, mal aceite, causou escandalos e ruidos entre Castelhanos e Portugueses: «*fueron muertos assaz de los Portugueses e algunos de los Castellanos.*»